

pinturas esculturas poemas visuais objetos desenhos instalações



almandrade

Presidenta da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Fazenda
Guido Mantega

Presidente da CAIXA Econômica Federal
Jorge Fontes Hereda



apresenta

almandrade

De 03 de dezembro de 2011 a 26 de fevereiro de 2012

Terça-feira a Domingo, das 9 às 21 horas

Entrada Franca

CAIXA Cultural São Paulo

Praça da Sé, 111 - São Paulo - SP - CEP 01001-001

Tel.(11) 3321-4400

www.caixa.gov.br/caixacultural

A CAIXA foi criada em 1861, no Rio de Janeiro, por D. Pedro II, cujo conhecimento artístico e a consciência da valorização do patrimônio histórico das nações foram decisivos na consolidação de uma atuação de estadista e de visionário, que abriu as portas do país para o intercâmbio com a cultura mundial na percepção de sua importância na criação de nosso próprio patrimônio e identidade.

Contribuir com a melhoria na qualidade de vida, buscando sempre a excelência nos serviços prestados aos clientes é um dos aspectos que podem bem representar o compromisso dessa instituição financeira nos seus 150 anos de existência.

A CAIXA hoje atua intensamente no apoio, estímulo e promoção cultural do país, principalmente por meio de patrocínio a projetos nos segmentos de música, teatro, artes plástica, fotografia e dança que circulam nos espaços da CAIXA Cultural, instalados em Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, abrindo-se a perspectiva de ampliação em outras praças, como os espaços, em fase de implantação, em Recife, Fortaleza e Porto Alegre. Além disso, fomenta produções em outros espaços, como festivais de teatro e dança.

Outra vertente de sua política cultural converge para o apoio aos Museus e Centros Culturais de todo o país, com o objetivo de restaurar, preservar, propiciar um maior acesso da população a esses acervos, imprescindíveis para perpetuar a nossa história.

A CAIXA apóia também o artesanato brasileiro e estabelece uma política de marketing cultural que prima pelo apoio à diversidade de linguagens e pluralidade artística de nosso povo, consciente de sua responsabilidade em relação à valorização da potencialidade criativa dos brasileiros. Essa participação sinaliza para a compreensão da vitalidade e versatilidade de nossa produção, nas diversas regiões do país, representada pelo sincretismo cultural e de valores que delineiam a riqueza de nosso patrimônio cultural.

Assim é a história da CAIXA que, desde o Império, vem contribuindo para facilitar o acesso aos diversos bens culturais e o crescimento intelectual e cultural de nossa gente.

Coerente com a tradição de apoio às artes, a CAIXA promove mais esta exposição, desse grande artista baiano, Alman drade – “A Arte de Alman drade”. Projeto aprovado para a Ocupação dos Espaços da CAIXA Cultural São Paulo que traduz parte desse imenso Brasil em suas manifestações artísticas e sua gente.





Exposição Montada | Caixa Cultural Salvador, 2009

Pensando a arte a partir da minha experiência

Almandrade

O homem se protege na linguagem, mas na arte a linguagem é o caminho que leva ao desconhecido, onde o artista pensa imagens para habitar a intimidade do mundo.

Contemplar uma obra de arte é compartilhar de um conhecimento, é apropriar-se de um conjunto de ideias que pertence a um código secreto, desvelado pelo pensamento do olhar. Para responder às suas provocações, estamos sempre imaginando realidades e referências, que não constituem leituras definitivas. Cada espectador faz a leitura que lhe convém, conforme suas experiências, seu repertório e seus interesses culturais, resultando em definições que se aproximam mais ou menos da natureza da obra.

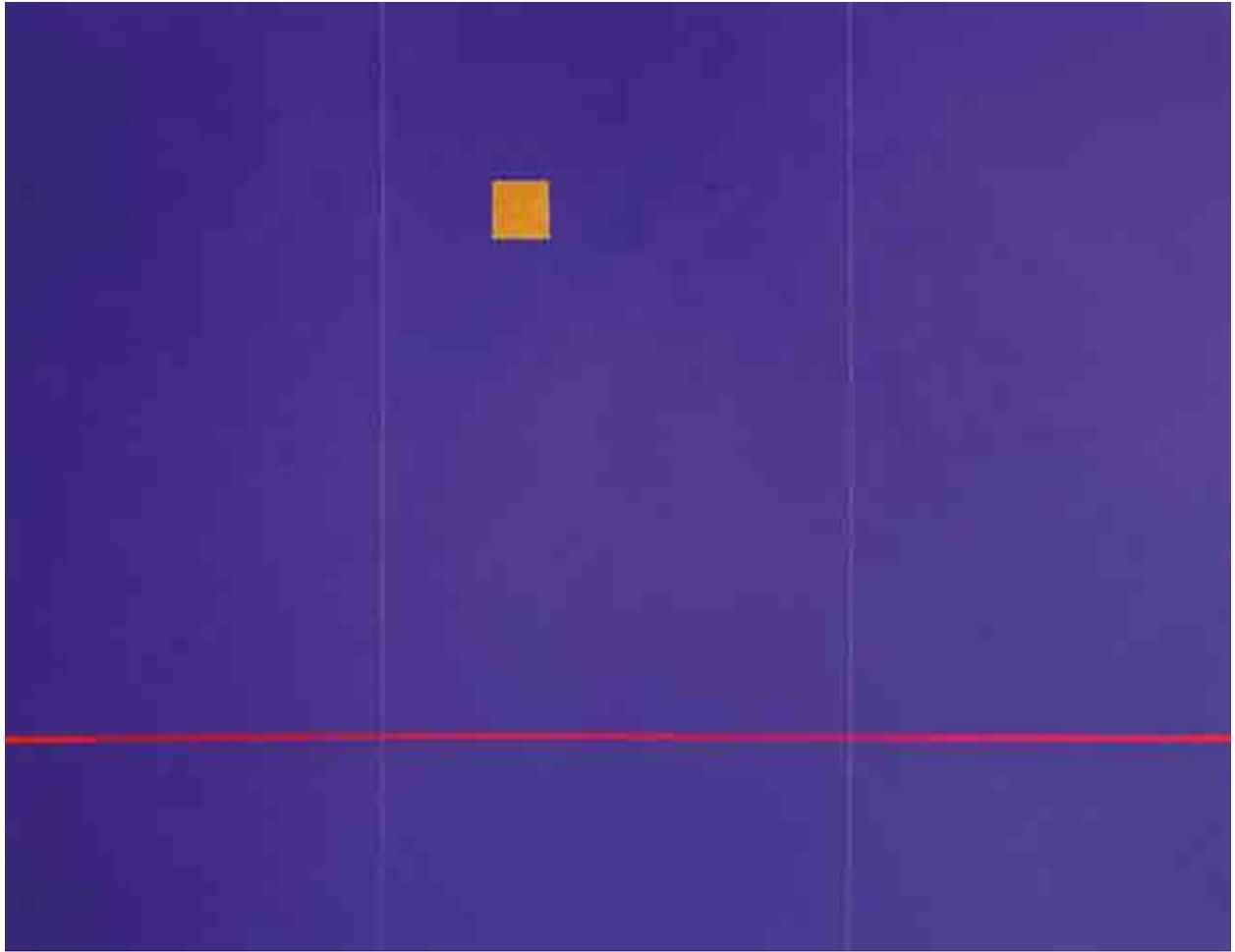
Uma obra de arte nunca está definitivamente concluída, está sempre reivindicando novas leituras, em decorrência das transformações do pensamento. Conceitos vão sendo acrescentados ao longo do tempo, como se o ato de olhar projetasse no objeto de arte novos saberes e novas dúvidas.

A pintura passou a ser uma forma de restauração da tela. Atrás da superfície branca, onde a mão e o raciocínio vão agir, habitam muitas sombras, formando uma paisagem obscura, que escondem alguns conflitos da visualidade. A tela é como um velho quadro negro, que não é mais negro, é cinza. O giz e o atrito do apagador deixaram nele cicatrizes de inúmeras escrituras. Assim é a tela, um território com rastros de muitas inscrições. Pintar é enfrentar os fantasmas da pintura, é escavar a densidade de uma superfície que se apresenta branca, na procura de referências para construir um lugar, mesmo que seja um lugar inacabado, para estimular as reflexões do olhar. A pintura renasce de si, deixando aparecer seus sonhos e rugas, revelando dúvidas e imperfeições, dando forma ao invisível. A cor e o traço vibram e se interrogam como atributos de um suporte que abriga a encenação de uma pintura.

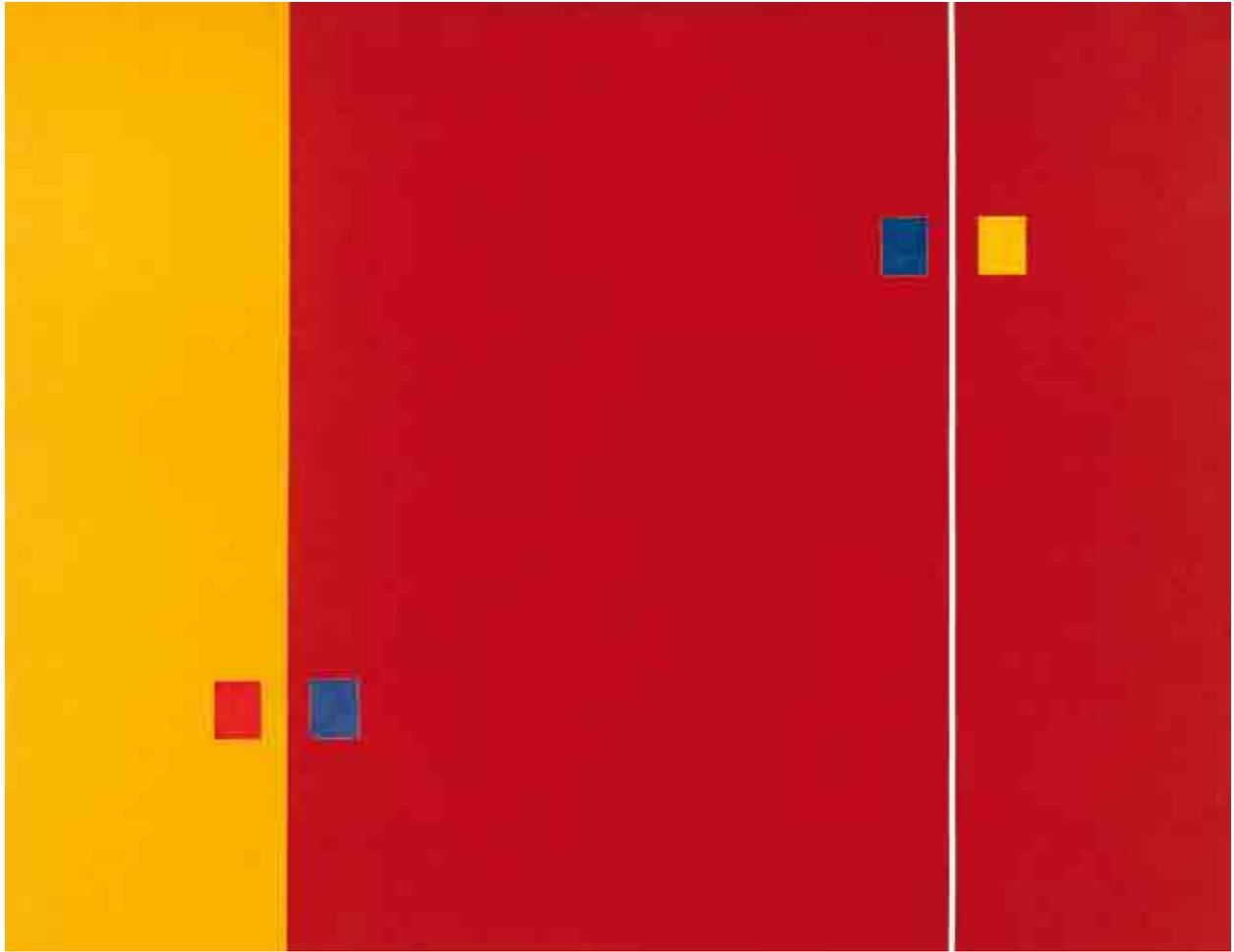
almandrade

pinturas

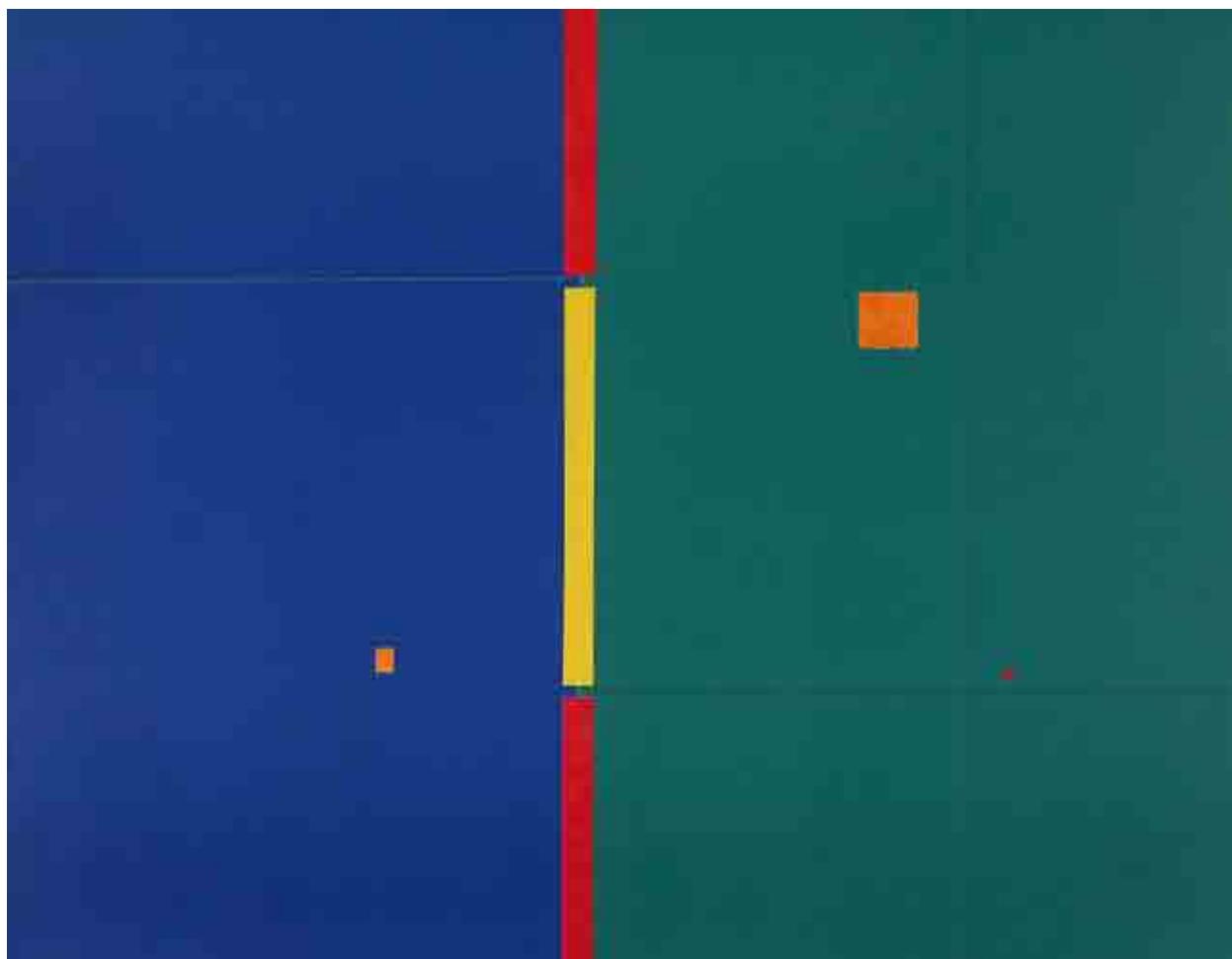




O Tempo na Paisagem do Pintor, 2009 | 130 x 100 cm - acrílica s/ tela



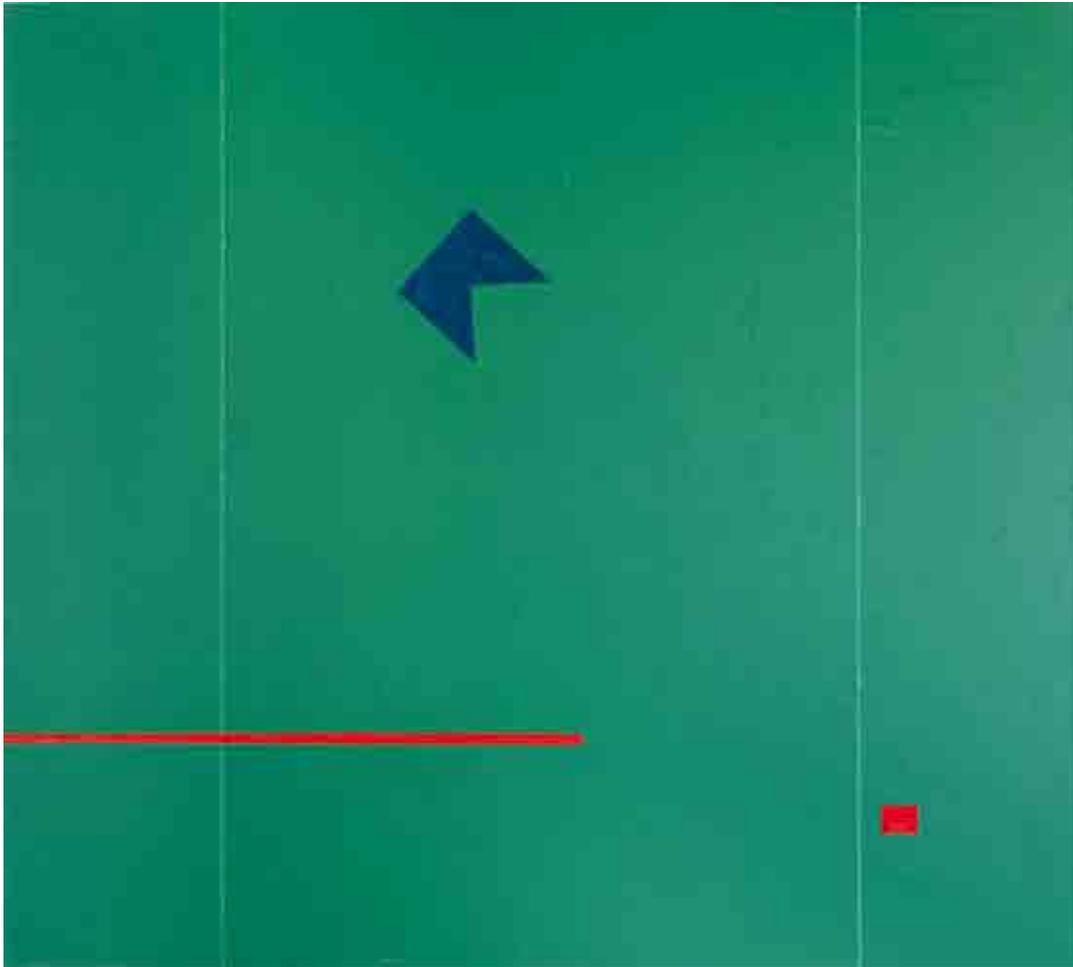
Pôr-do-Sol Depois do Cubismo, 2008 | 130 x 100 cm - Acrílica s/ tela



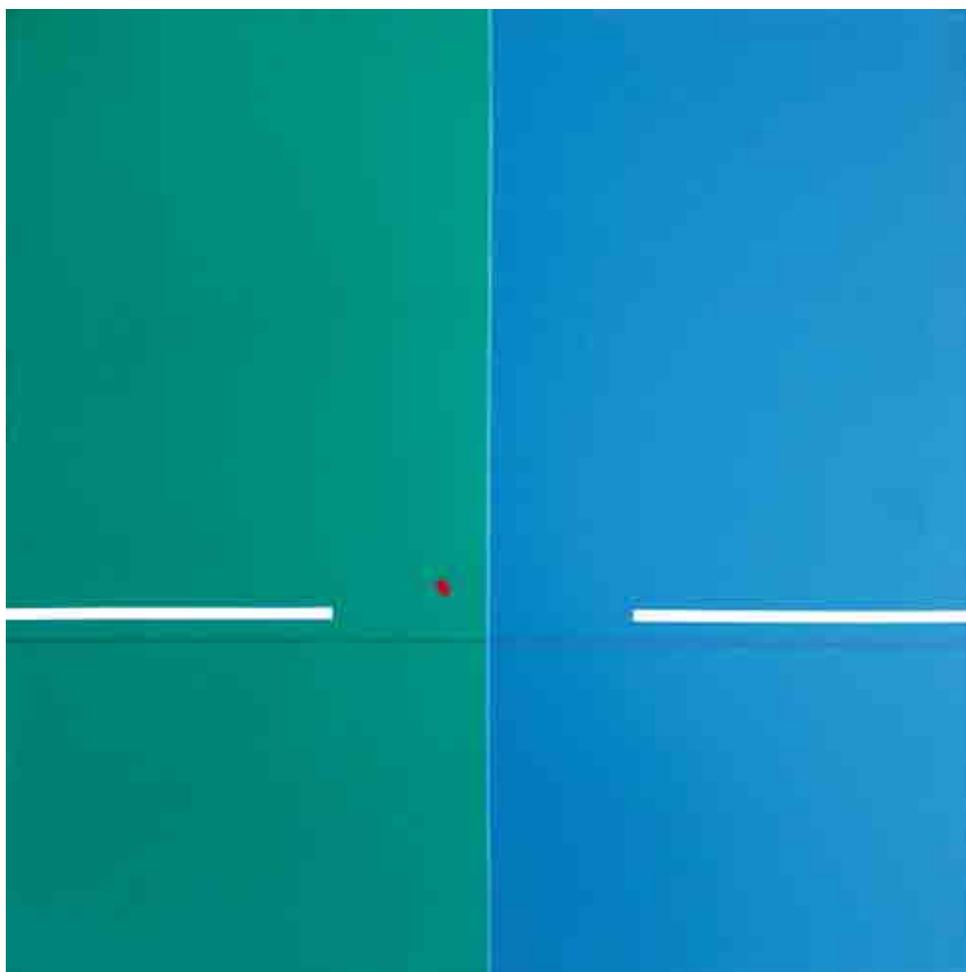
Um Dia Brilhante, 2008 | 130 x 100 cm - Acrílica s/ tela



A Certeza é Uma Dúvida, 2008 | 130 x 100 cm - Acrílica s/ tela



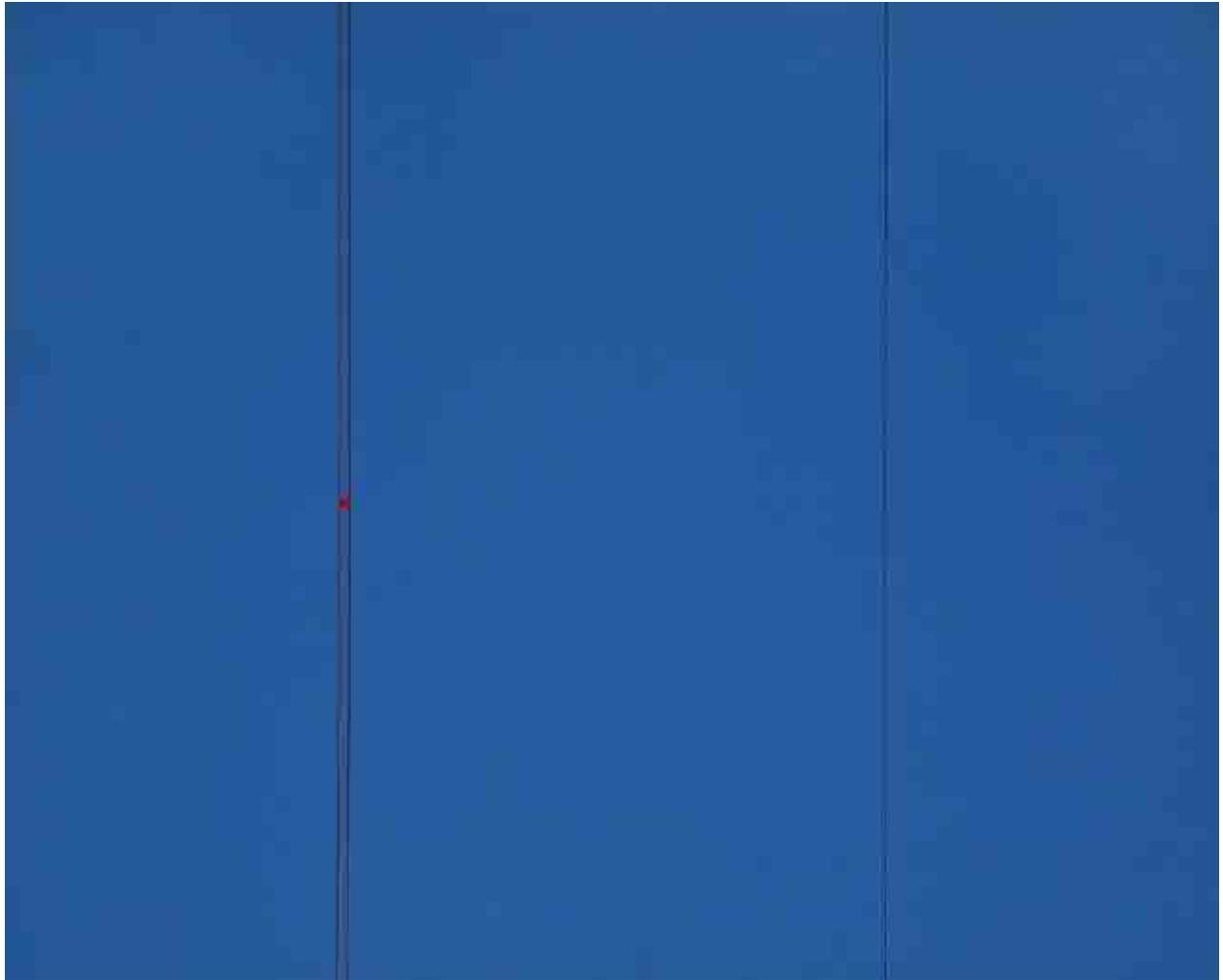
Achei o Mar, 2010 | 110 x 90 cm - Acrilica s/ tela



O Lugar do Voyeur, 2002 | 80 x 80 cm - Acrílica s/ tela



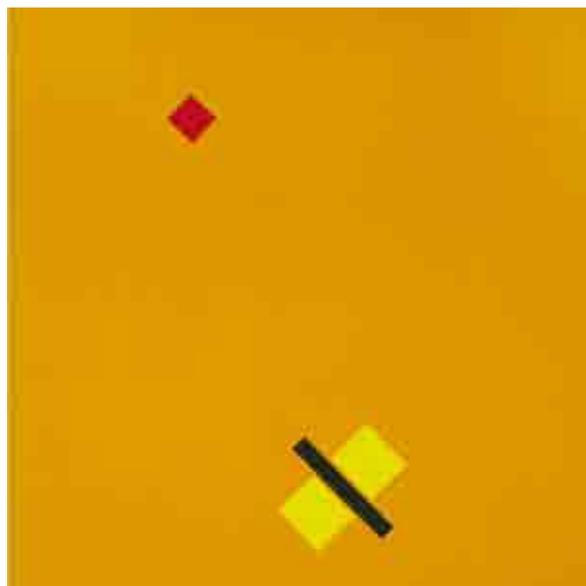
Risos e Encantos da Razão, 1989 | 60 x 73 cm - Acrílica s/ tela



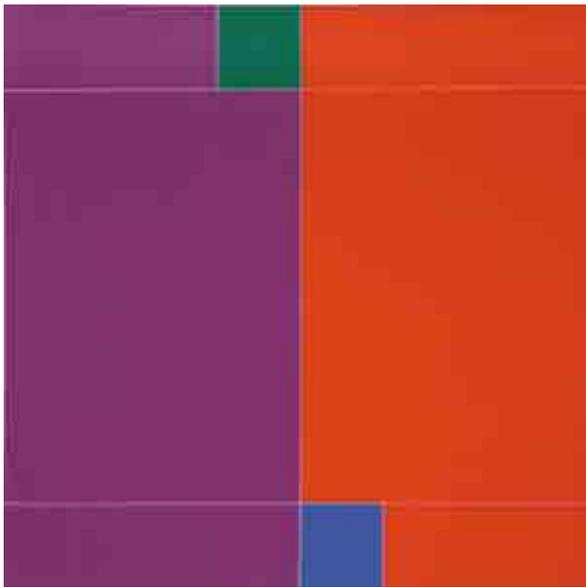
Um Pensamento Triste Sobre o Acaso, 1989 | 60 x 73 cm - - Acrílica s/ tela



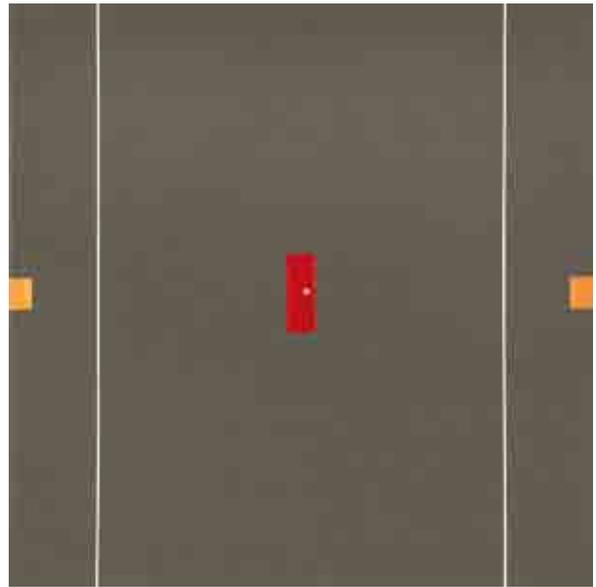
Um Ensaio Sobre a Pintura, 2009
70 x 70 cm - Acrílica s/ tela



Um Sábado de Sol, 2007
100 x 100 cm - Acrílica s/ tela



Pensando em Kafka, 2003
70 x 70 cm - Acrílica s/ tela



Sem Título, 2002
70 x 70 cm - Acrílica s/ tela

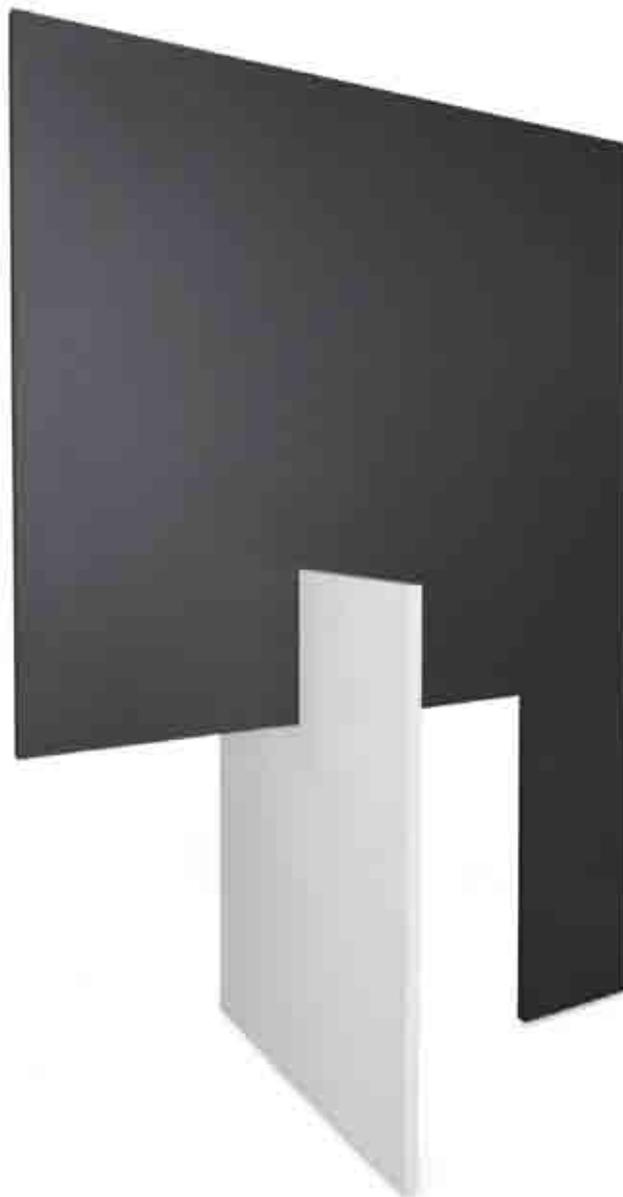
As imagens da leveza e do equilíbrio se inventam, dialeticamente, no processo do fazer e no desafio da mão e da mente em lidar com a matéria, o espaço e os conceitos. A sensação de leveza revela o esforço de construir com a metáfora do voo a poesia do imprevisível, a passagem da desordem para a ordem, relacionando o raciocínio e o lúdico.

Discretas e contraditórias, as partes interagem num repouso momentâneo (e duradouro). A matéria revestida pela cor resulta em outra realidade, marcada pela tensão, pelo equilíbrio, pelo ritmo e pela sugestão de espaço.

almandrade

Escultura, Objeto e Instalação





Sem Título, 2011 | 90 x 130 x 50 cm - MDF e Fórmica



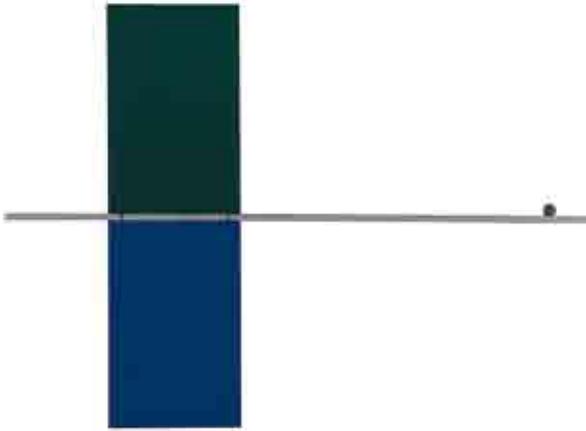
Sem Título, 2011 | 130 x 98 x 40 cm - MDF e Fórmica



Sem Título, 2011 | 90 x 60 x 160 cm - MDF e Fórmica



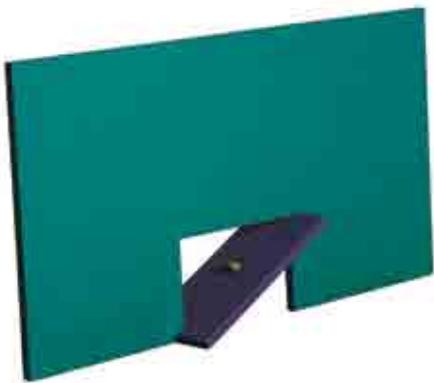
Mondrian / Malevitch, 1978 | 40 x 40 x 56 cm - Caixa de Madeira Pintada



Sem Título, 1986 | 80 x 110 x 0,5 cm - Madeira policromada, Alumínio e Bola de Vidro



Sem Título, 2003 | 130 x 50 x 50 cm - Madeira Policromada



Sem Título, 1999 | 45 x 90 x 15 cm - Madeira policromada e bola de vidro



Sem Título, 1990 | 80 x 20 x 50 cm - Madeira Policromada e Aço Inox



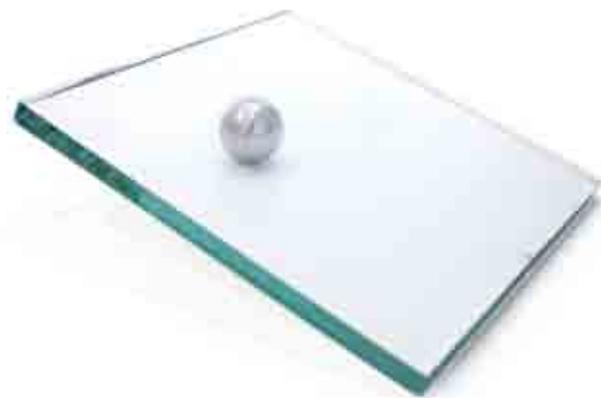
Quando a Razão Rí, 1996 | 25 x 25 x 19 cm - Tubo de PVC e Vidro



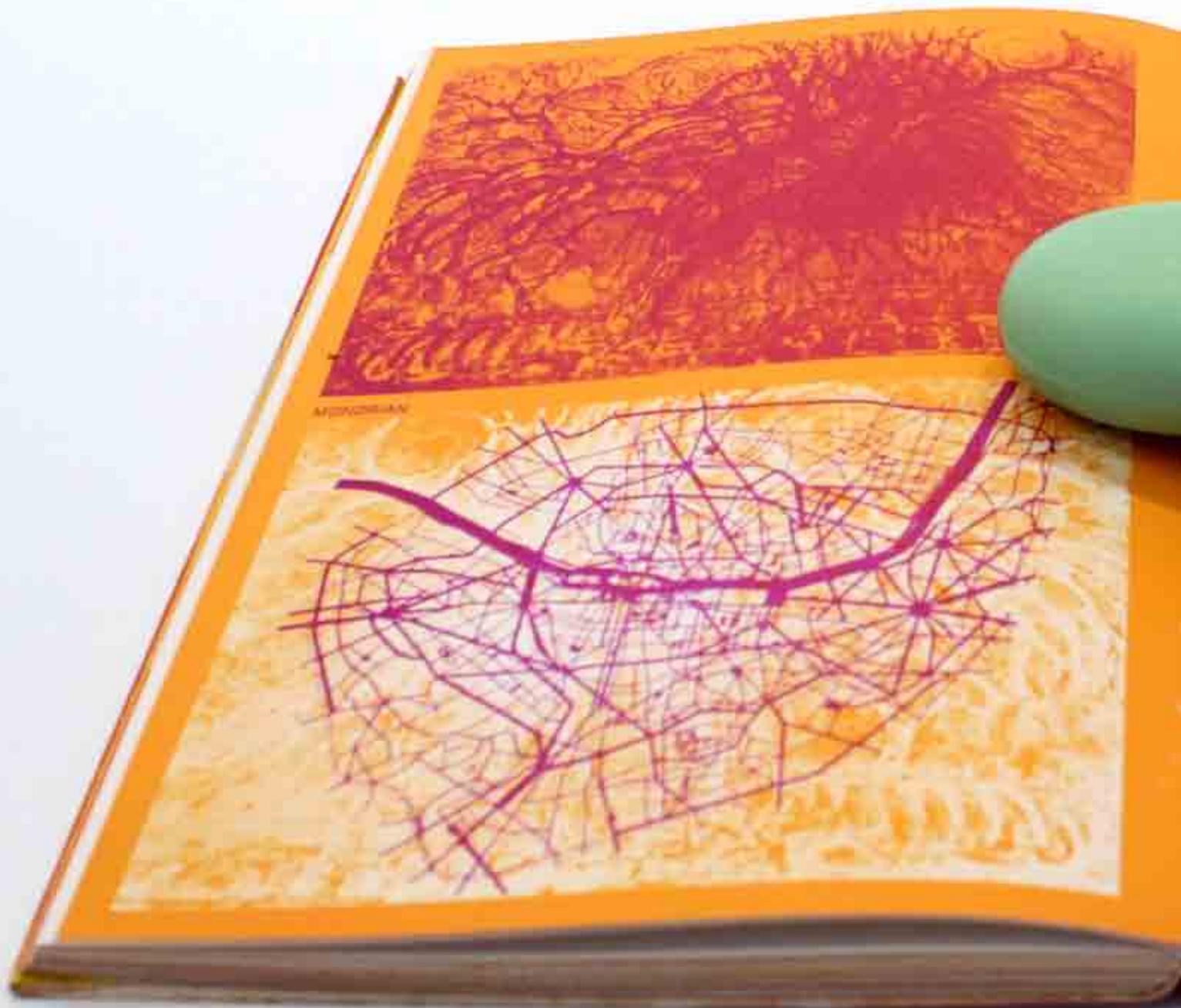
Intimidade, 2008 | 20 x 20 x 03 cm - Vidro, Borracha, Parafuso e Pêlos



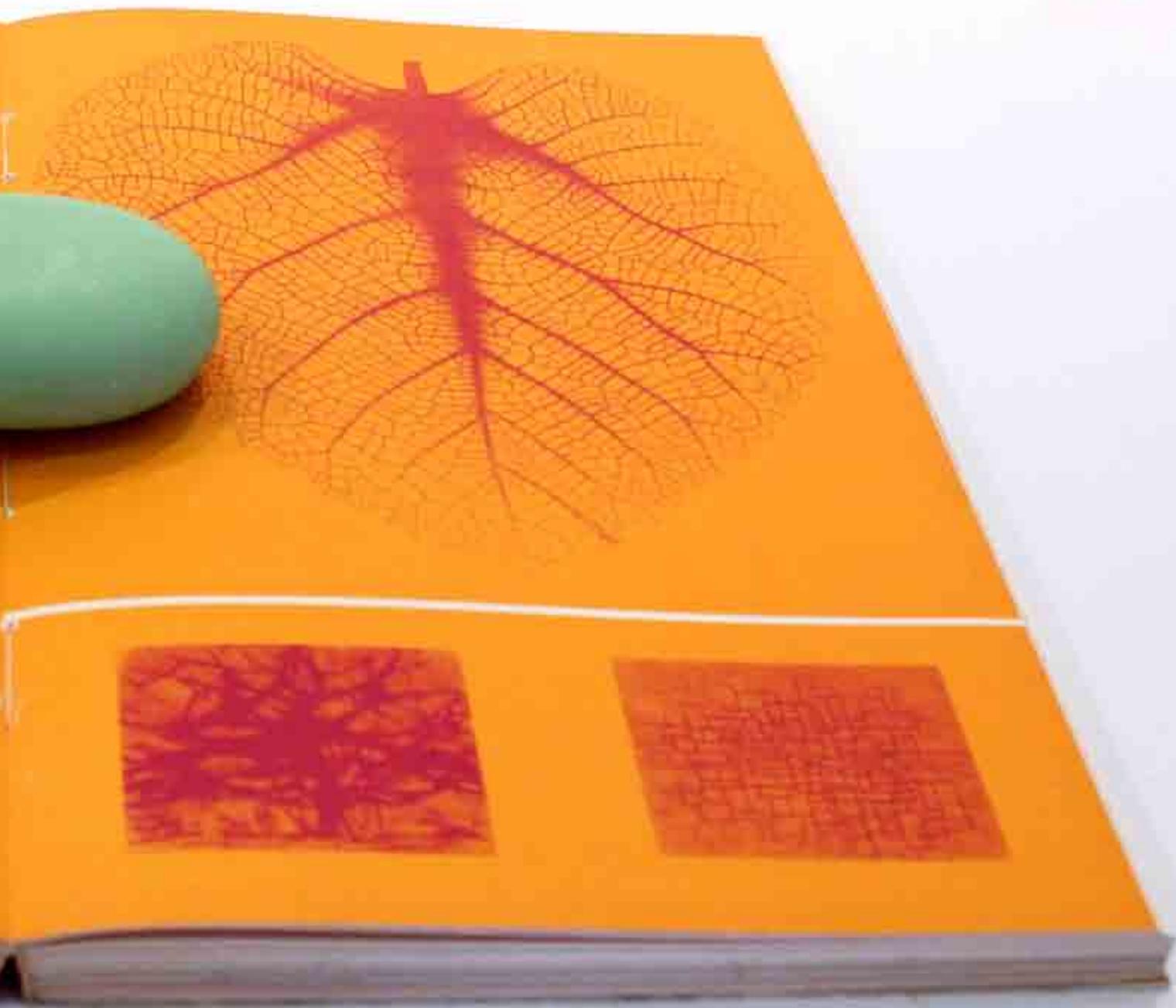
Sem Título, 1989 | 07 x 20 x 11 cm - Ferro, Vidro e Bola de Gude

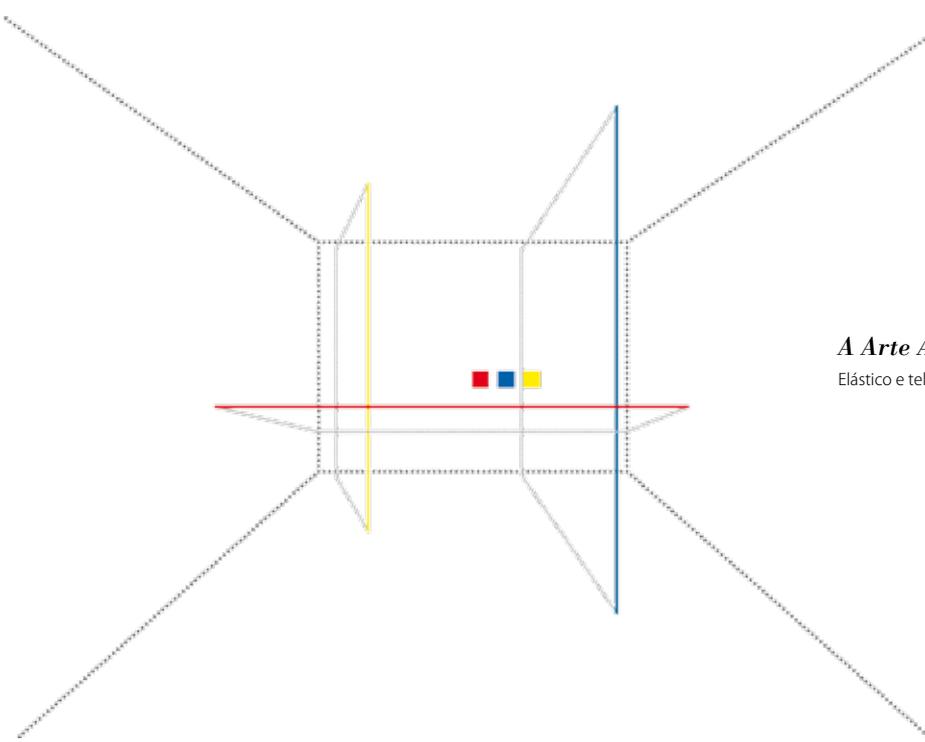


Como Deus Criou o Mundo, 2000 | 20 x 20 x 03 cm - Vidro e Bola de Aço Inox



Sem Título, 1977 | 38 x 26 x 05 cm - Livro (A Marca e o Logotipo Brasileiro - W. Dias - Pino) e Sabonete





A Arte Anterior à Arte, 2005

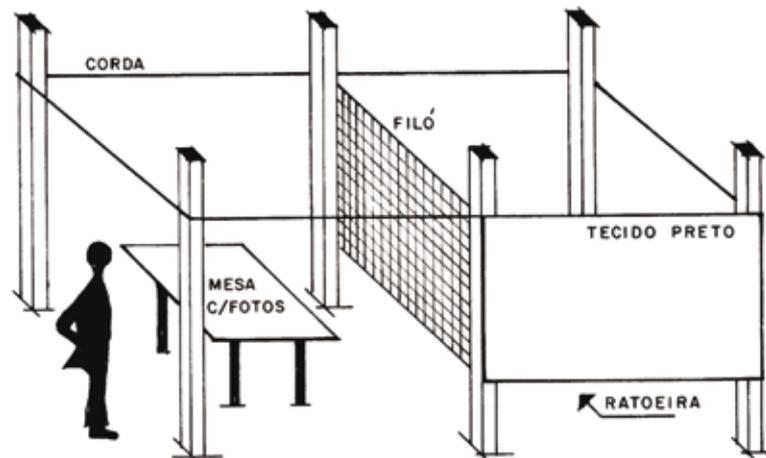
Elástico e telas pintadas com as cores primárias

*Homenagem à Arquitetura
Moderna, 1979*





*Anotações Para Uma
Fenomenologia do Olhar,
1983*



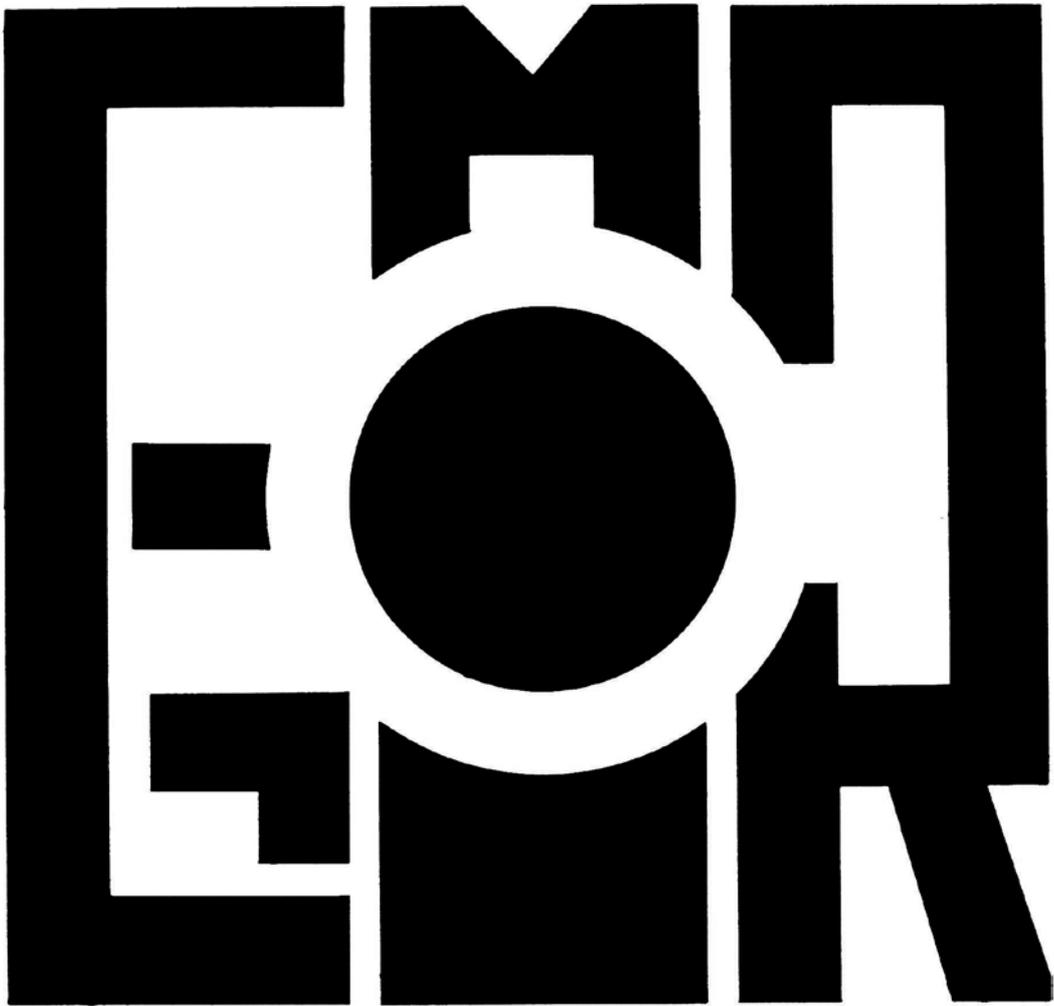
Público - Privado, 1982

A visualidade da escrita é exercitar a linguagem, uma prática semiológica nas fronteiras do experimentalismo. Transformar a linguagem na busca de uma imagem através da síntese.
Poesia visual objeto do olhar.

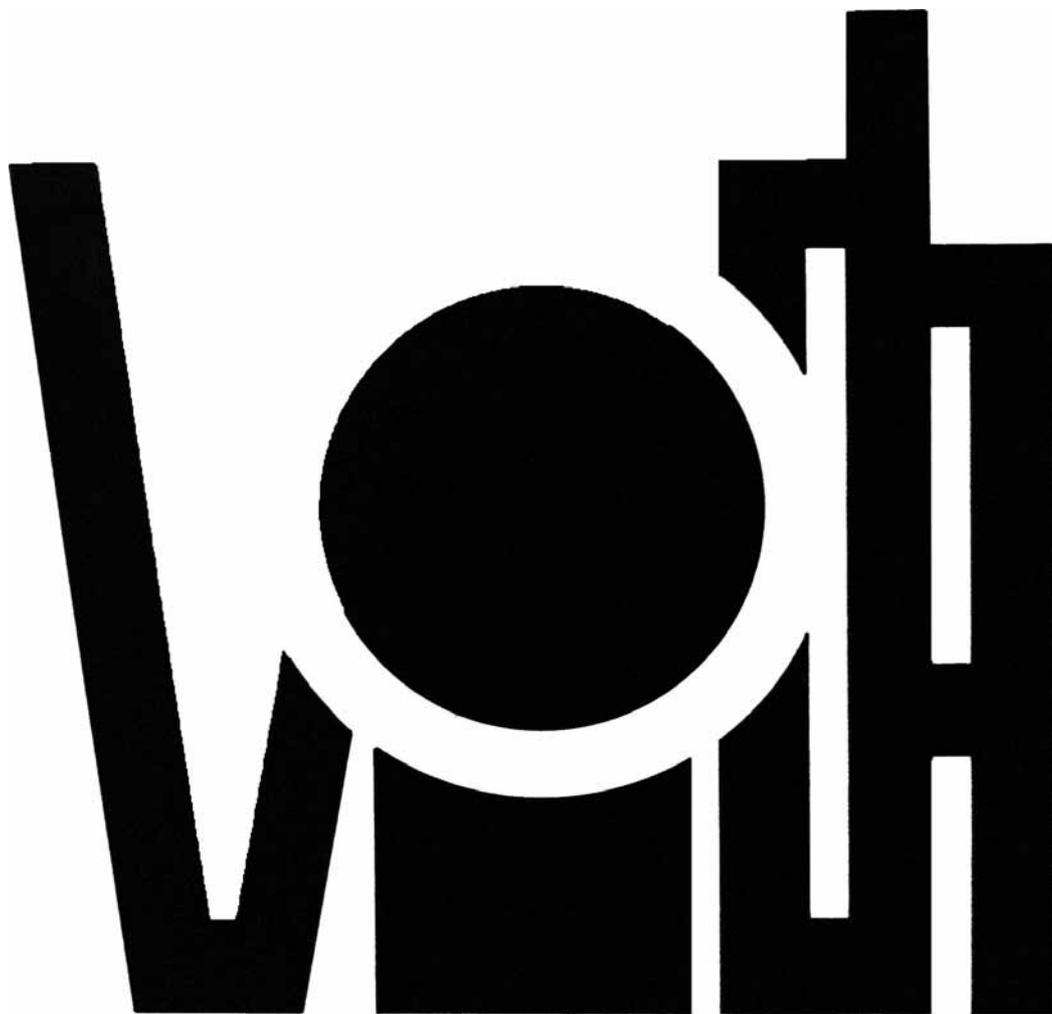
almandrade

poemas visuais

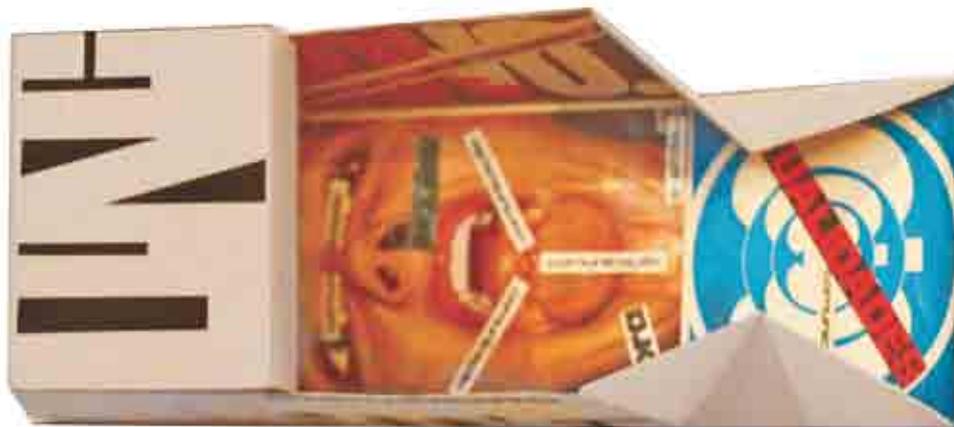
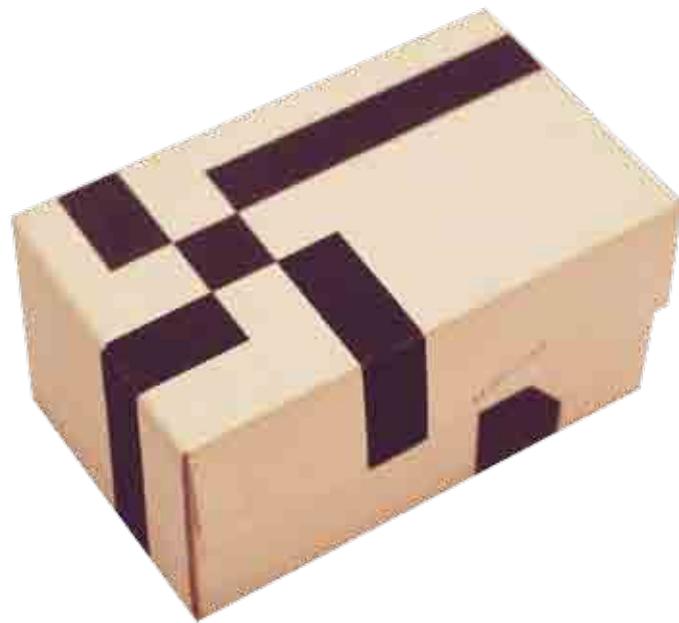




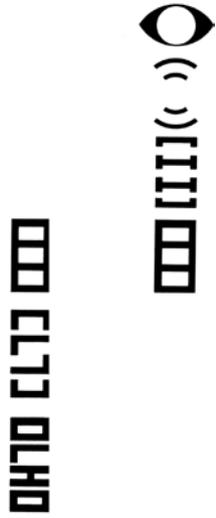
Origem, 1975



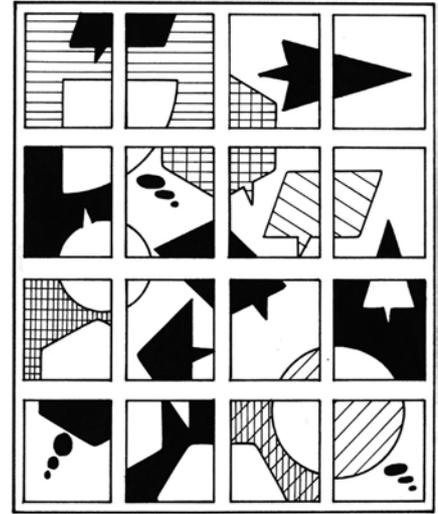
Vida, 1975



Poema Objeto, 1974



Poema Olho, 1974



Quadrinhos, 1973



Siga, 1973



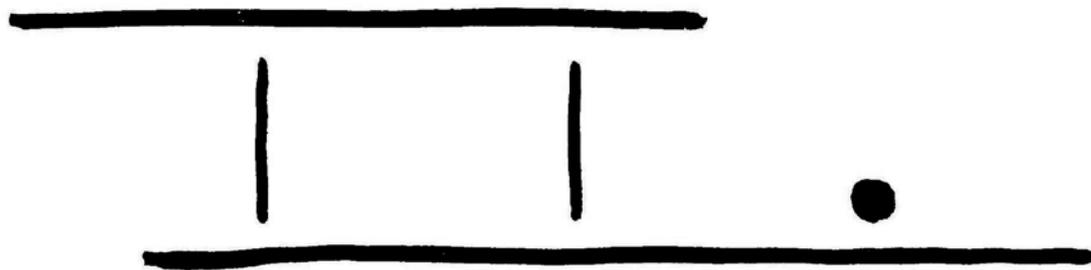
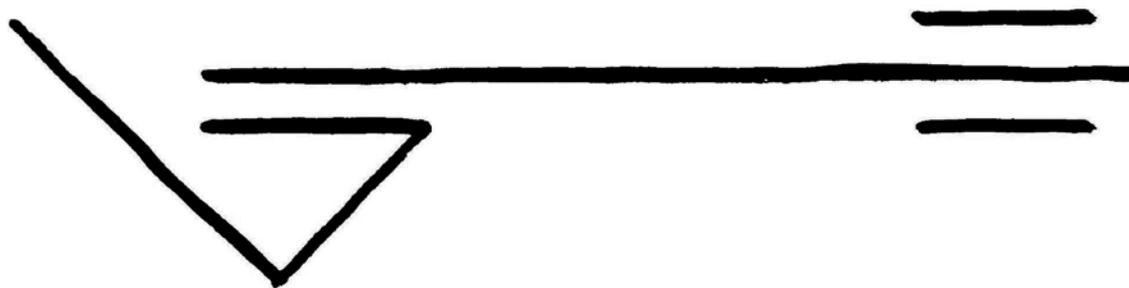
Homem/Mulher, 1976

Preencher a superfície do papel até tangenciar a profundidade da desordem, inscrever e ressignificar o vazio. Diagramar o espaço e perseguir um sentido à distância. A história do desenho e a emoção. Tratado de semiótica que gira em torno de si mesmo, objetivando um estado de tensão. O olho ri, religiosamente, da sensualidade matemática. Escrituras do silêncio não falam, mostram, não, nada. Espelhos paralelos a repetir imagens diferentes. Enigmas além da perspectiva. Mapas de regiões geograficamente insituáveis. Miragem, abismo, abstração da ausência.

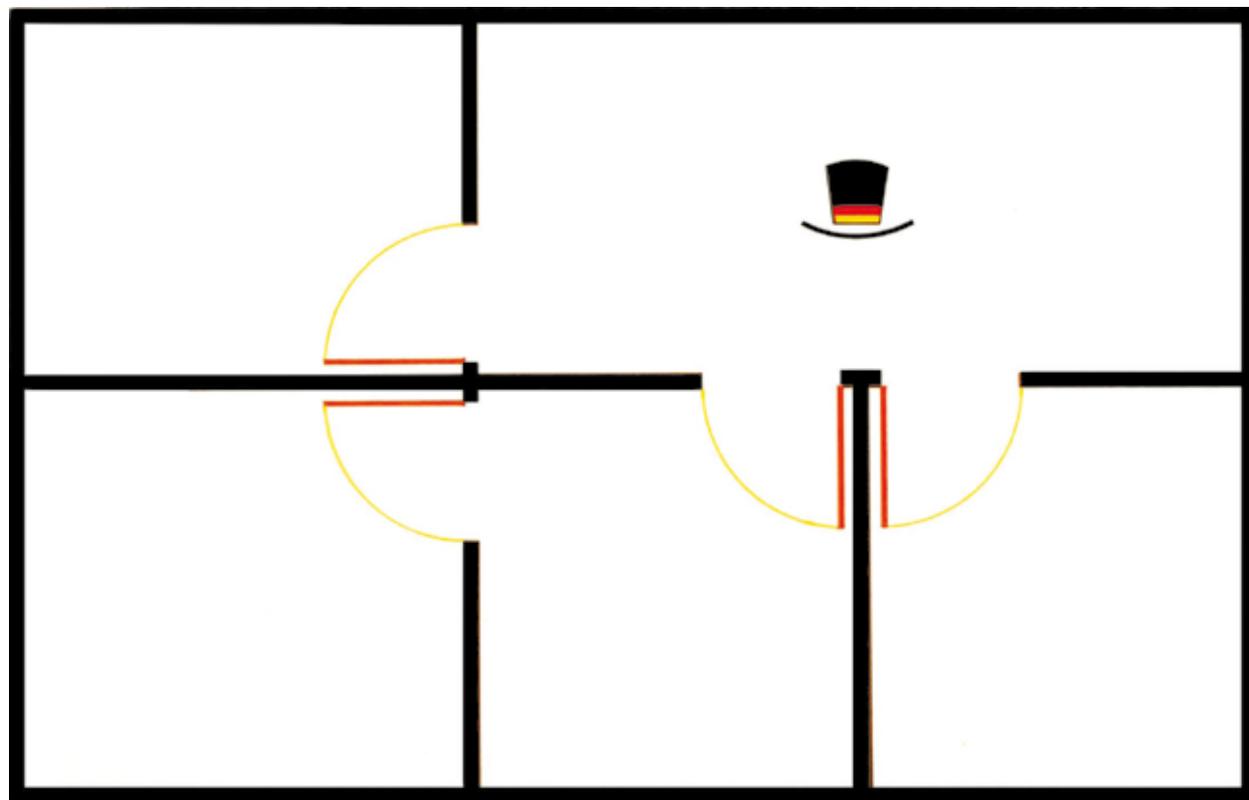
almandrade

desenhos

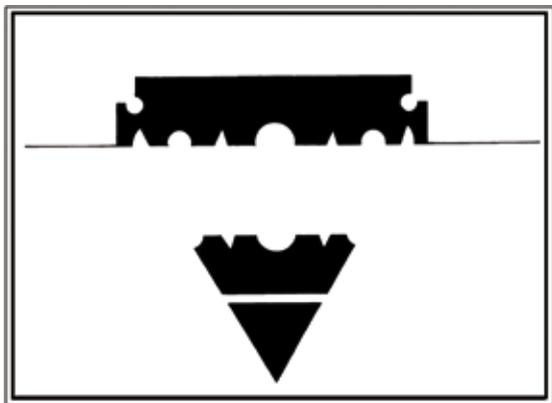




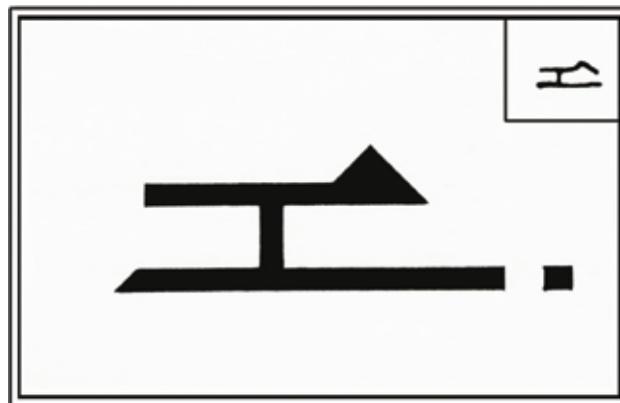
Logotipos do Desejo, 1980



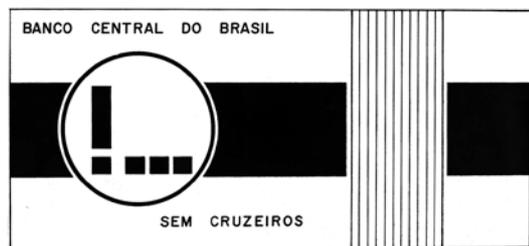
Sem Título, 1983



Sem Título, 1977



Sem Título, 1978



Sem Cruzeiros, 1976

O PRAZER DO HERMÉTICO
OU
O HERMÉTICO DO PRAZER



Ano 1978

almandrade

textos críticos



A Persistência do Nudismo Abstrato

Décio Pignatari

Pensei em elementarismo, despojamento, abecedarismo geométricos, mas acabei por optar pela ideia do nudismo abstrato para tentar caracterizar a postura e a impoção de Almandrade ante suas criações e criaturas sígnicas que hesitam entre a bi e a tridimensionalidade, em duas ou três cores, em duas ou três texturas.

A parcimônia desses objetos franciscanamente contundente, desenhados, signados (designed), compostos segundo uma grafia de cartilha, porém enganosamente significada e simplista, posto que metafísica.

Criam um campo signficante que parece rechaçar instruções extratexto, mesmo quando inclui algum elemento metafórico *in memorian Dadá*.

Meteoritos geométricos do pensamento, taquigrafia precisa de uma claríssima visão cuja totalidade se ofuscou, indício e impressão minimal de um evento artístico-mental; ocorrido no panorama ecológico da arte do século XX, como um pássaro em extinção, aparição de ordem negavelmente metafísica, essência e forma divinas (diria Baudelaire) do pássaro nu da poesia e de seus amores descompostos.

Um nudismo Proun (El Lissitsky) nos trópicos, lembranças metonímicas do paraíso, graciosas construções-instalações não habitáveis, amostras quase-duchampescas, quase-vandoes-

burguesas de um ex-Éden artístico, onde a provável ironia embutida não passa de meio-sorriso.

Esses seres correta e rigorosamente nus, o olho os colhe por inteiros, como objetos cabíveis no bolso. E há música neles, mas não é sequer de câmara - é de cela, nicho e escrínio: são microtonais, minideogramas sólidos à Scelsi.

O Almandrade capricha nas miniaturas de suas criaturas, cuja nudez implica mudez, límpido limpamento do olho artístico, já cansado da fantástica história da arte deste século interminável, deste milênio infinito.

O Desejo e o Compromisso / Máquina Semiótica

Haroldo Cajazeira

Insisto gratuitamente em desenhar a lógica desta miragem da miragem, que é a escritura de Antônio Luiz M. de Andrade (Almandrade). Miragem da miragem porque o sujeito A.L.M.Andrade, faiscamento de rituais, marcas da instituição / arte "produz" uma escritura na garantia desta legitimidade. O pequeno escândalo anal em que este artista insiste poderia não ser fascinante. Aliás, o teorema de Godel também. Andrade, como Godel, produz um saber sobre a impossibilidade de consistência de um sistema de signos. Godel teve como solo / texto / doxa desmitologizar a prática de Frege e Russel; já Andrade tem como solo a ser desconstruído o construtivismo. Contra o mapeamento higiênico do espaço signficante que postulava o construtivismo. Propõe ALMA uma máquina

semiótica atravessada pelo desejo, pelo poder, pelo gratuito e pela loucura. Contra a lei da acumulação do construtivismo ele lança o desperdício.

O território artístico funciona de forma semelhante ao sintoma, ao sonho. O desejo social recalcado para ser realizado implica na instauração de compromisso com a ordem, com o sonho. O desejo pode ser realizado no sujeito e no espaço gramaticalizado pelo compromisso, na sociedade também, o espaço é uma gelatina desejante permitida. Andrade, como Duchamp, instaura uma discussão sobre compromisso: sua arte gera um terror geométrico, que só se suporta como um riso.

Armadilhas para Deus

Haroldo Cajazeira

Outro método têm os trabalhos. Tomam como ponto de discussão, não o real, mas sim o conjunto de dispositivos que garantem que uma representação seja vivida como real, verdadeira. Neste sentido, nos oferecem coordenadas de um ponto inexistente.

Um pequeno livro lacrado com parafuso, e o seguinte título: “Conheça Lautréamont”. O olhar com seu sensualismo empírico se torna inoperante. O trabalho não sede ao mito da retina, exige, ao contrário, um cálculo, uma operação mental. O conde Lautréamont, sabemos, é o pseudônimo do autor dos “Cantos de Maldoror”. Esse escritor, obsessivamente, apagou todas as suas pegadas, assassinou o mito do autor.

Um livro sobre um acontecimento que é um puro enigma é

um livro desejado, mas o problema é que esse livro está lacrado. Paradoxo: livro que propõe reconstituir um sentido através da interdição do mesmo. A interdição do sentido, a suspensão do sentido é, parece-me, uma situação impossível, ou, mais especificamente, uma situação mental. A ausência de sentido é um aparelho epistemológico através do qual podemos “observar” os buracos negros da linguagem, área utópica onde há o desejo de representar o real, onde a linguagem goza de seu próprio funcionamento.

Um outro trabalho: dois pedaços de madeira comprimem uma mola presa com arame. O mecanismo composto por esses elementos retém uma energia. Retenção inútil, como a criança exerce com as fezes e o afásico com as palavras. É evidente que uma máquina acumula energia, tensão, força, mas acumulação obedece a um processo teológico de deslocamento de energia retida em função de uma modificação de um acontecimento desejado. A máquina sem atrito reconhece a reta como o menor caminho entre dois pontos. Estranhamente, esta máquina proposta por Almandrade não materializa um princípio teológico. Trabalha implosivamente, retendo força para o próprio gozo, como o halterofilista acumula músculos para o gozo do espelho / olho.

Sem dúvida, é difícil pensar os trabalhos sem relacioná-los com o tecido cultural e seus produtos. Os trabalhos se ocupam, investem nessa massa de signos. Há, como tentamos “demonstrar”, uma operação de desconstrução do espetáculo reservado para os objetos de arte. Vimos a quebra do mito da retina, na medida em que os trabalhos mobilizam um envolvimento mental da parte do sujeito espectador.

A Arte de Almandrade

Luiz Rosenberg Filho

Eu me permitiria dizer que Almandrade trabalha sobre o esfriamento do êxtase do olhar. Não o olhar de ser como foi, mas de ser como é. Reinterpreta o gélido espaço da cidade. Arquiteto, teórico, poeta e artista-plástico, atua sobre a meditação do prazer. O seu tempo é outro, e o seu espaço também. E no que não apresenta ter uma direção definida, subverte o impulso da criação.

Com poucos elementos reexamina, o fazer, dando aos seus trabalhos uma razão de pensar. Ao criar imagens desconexas-frias, medita sobre as diversidades do ser. Ser como sensibilidade. E a sensibilidade como elemento de transgressão. A sua ambiguidade talvez possa ser melhor exprimida no seu desejo de imobilidade. Produz então a fantasia através de um destroçamento contínuo da vontade. O seu êxtase fragmentado o exclui de ser um perverso. Incansável nos seus deslocamentos, ou nos deslocamentos dos seus objetos, passa uma espécie de sensação viva do tempo que não passa. E aí então no lugar da dor, a razão. No lugar habitual, o silêncio como metáfora de uma representação não-alegorizada. O que importa no fundo são as abstrações do olhar ou não, de cada um. Pouco importa se é entendido ou não. Quem gosta de clareza-castrativa é a TV. A felicidade de Almandrade é transbordar conceitos, diferenças e afastamentos.

Quer se aceite ou não, Almandrade transforma o real em algo impenetrável. Frequentemente estranho em seu trabalho, torna-se único num tempo de opacas realizações. No seu

âmbito, faz parte do seu desejo. O desejo de vazio na confusão. Na Bahia, onde todos falam muito e fazem pouco, Alma é uma espécie de luz na significação-poética do ser criador. Obsessivo em relação ao prazer, dá a seus traços, cores e objetos uma não-articulação para uso ou exploração. Os seus trabalhos acabam na nossa solidão. Viaja então do abstrato para o reflexo. A sua questão de ser é a sua necessidade de ler. Vaga entre Deleuze, Barthes, Bachelard e Bataille. Esforça-se para fazer do seu processo criativo uma espécie de transcendência do não-movimento.

Arquiteto do Silêncio

Wilson Rocha

Simplificar as formas e geometrizar a vida parece ser a vontade de Almandrade, artista dos mais representativos para a arte contextual da Bahia no momento. Suas investigações apontam para a epistemologia da construtividade, onde as formas geram um saber, uma arquitetura de signos ou um poder de experimentação. A apreensão do espaço é uma instância e também uma educação, demonstram uma intencionalidade e fundamenta no encontro linha/espaço determinações lógicas, geométricas, representações e imagéticas. Ele acredita que uma obra se constitui da relação desses elementos com o espaço e o observador.

As construções teóricas nas artes plásticas estão estruturadas em campos da vez mais essenciais para o homem e o mundo do nosso tempo. Associar o poder da arte a novos recursos tecnológicos é, seguramente, seguir a trilha da experiência

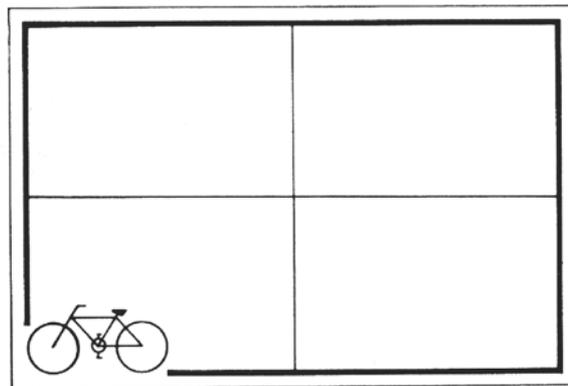
gigantesca de Rauschenberg, que parece haver congelado a criatividade plástica na atualidade, caracterizada pela ausência de estilo de uma época como a nossa, incapaz de uma redefinição do fenômeno artístico.

Almandrade assume um importante papel estruturador em seu ambiente, revelando-se como um artista de notável integridade e de uma personalidade admiravelmente definida. Pintor, escultor, arquiteto, mestre em desenho urbano, firmando-se ainda como um poeta puro e um pensador tão íntegro como a sua poética da linha.

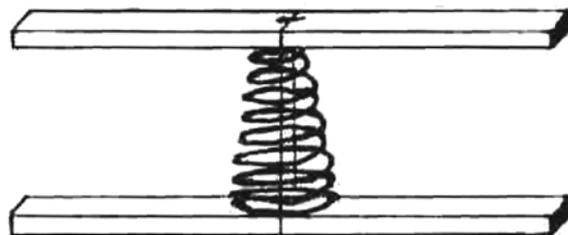
Artista extremamente técnico e de forte vigor expressivo, sua sensibilidade desenvolveu com ardor o seu desenho linear metafísico, purista, que, na verdade, não é outra coisa senão uma síntese de linha e idéia, tão sólida como a estruturação de sua escultura, cuja severidade é capaz de causar impacto.

A difícil e saborosa sedução dos signos é o que nos oferece a fascinante proposta de Almandrade através da linha e do espaço, tensão e forma em busca do objeto escultórico. Inteligibilidade do espaço e sensibilidade técnica são a sua tônica. Instintivo e técnico, o seu profundo conceito de espaço é da mais impressionante leveza.

Uma arquitetura do silêncio, poderíamos dizer. O poder do contraste entre preto e branco pode ser visto como referência a Klee, em alusão ao imenso valor que o grande artista suíço atribuía a tal oposição. A obra de Almandrade faz pensar na sensível emergência do fotógrafo, prisioneiro ou mero testemunha de sua própria subjetividade.



Sem Título, 1977 | 45 x 60 cm - Nankim s/ papel



Sem Título, 1978 | 30 x 10 x 03 cm - Madeira, Mola e Arame Fino

Como falar da arte sem por em causa a relação improvisada do ver e do dizer? A minha fala não exclui a possibilidade de significados que possam ser acrescentados à obra, aliás, estas imagens frequentemente enigmáticas são produzidas pelos artistas para o exercício da imaginação, dentro de um sistema cultural com experiências individuais díspares. Suas leituras se modificam nos diversos contextos. A exemplo das pretensas considerações teóricas que venho a fazer sobre meu próprio trabalho, não encerram nenhuma leitura definitiva. Um acessório a mais que contribui para o pensamento discursivo e o relacionamento do espectador com objeto de arte. *Almandrade*

Almandrade

(Antônio Luiz M. Andrade)

Artista plástico, arquiteto, mestre em desenho urbano, poeta e professor de Teoria da Arte das oficinas de arte do Museu de Arte Moderna da Bahia e Palacete das Artes. Participou de várias mostras coletivas, entre elas: XII, XIII e XVI Bienal de São Paulo; “Em Busca da Essência” - mostra especial da XIX Bienal de São Paulo; IV Salão Nacional; Universo do Futebol (MAM/Rio); Feira Nacional (S.Paulo); II Salão Paulista, I Exposição Internacional de Escultura Efêmeras (Fortaleza); I Salão Baiano; II Salão Nacional; Menção honrosa no I Salão Estudantil em 1972. Integrou coletivas de poemas visuais, multimeios e projetos de instalações no Brasil e exterior. Um dos criadores do Grupo de Estudos de Linguagem da Bahia que editou a revista “Semiótica” em 1974. Realizou cerca de trinta exposições individuais em Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo entre 1975 e 2008; escreveu em vários jornais e revistas especializados sobre arte, arquitetura e urbanismo. Prêmios nos concursos de projetos para obras de artes plásticas do Museu de Arte Moderna da Bahia, 1981/82. Prêmio Fundarte no XXXIX Salão de Artes Plásticas de Pernambuco em 1986. Publicou os livros de poesias e/ou trabalhos visuais: “O Sacrifício do Sentido”, “Obscuridades do Riso”, “Poemas”, “Suor Noturno”, “Arquitetura de Algodão”, “Escritos sobre Arte” e “Malabarismo das Pedras” (poesia). Prêmio Copene de cultura e arte, 1997. Tem trabalhos em vários acervos particulares e públicos, como: Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), Museu da Cidade (Salvador) e Pinacoteca Municipal de São Paulo. Retrospectiva Museu de Arte Moderna da Bahia, 2000. Exposição “pensamentos” no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, participa de mostra de poesia visual brasileira no Mexic-Art Museum em Austin. exposição individual “Pequenos Formatos” na galeria ACBEU em Salvador, 2002. Esculturas, Instituto Goethe, Salvador, 2003. Pinturas, Hotel Sofitel, Costa do Sauípe – Ba., 2004. Instalação, Conjunto Cultural da Caixa, Arte Erótica, Escola de Belas Artes da UFBA., Coordena Oficina Arte Cidade no Instituto Goethe, Salvador. Curadoria da mostra SSA 456 Galeria da Cidade, Salvador, 2005. Participa das exposições coletivas “Ode ao Dois de Julho”, Galeria da Cidade, “Modos de Ver e de Entender a Arte”, Museu de Arte da Bahia, Salvador, 2006. Entre 1986 e 1990, na Fundação Cultural do Estado da Bahia no Departamento de Museus e Artes Plásticas, exerceu os cargos de: Chefe de Divisão de Artes Plásticas e depois, Sub-gerente de Artes Plásticas. Participação como jurado em concursos públicos de artes plásticas, entre eles: Concurso de Decoração do Carnaval da Cidade do Salvador, 1980; Salão de Arte da Semana de Cultura do SESI, Salvador 1986; Comissão de Seleção dos Salões Regionais de Artes Plásticas da Bahia, Juazeiro 1997 e 1999; Júri de Seleção e Premiação da 1ª Bienal do Recôncavo, São Felix, 1991; Comissão de Seleção do Projetos Atos Visuais 2004-2005 da Funarte, Brasília, 2004. Comissão de Seleção Bolsas de Pesquisa em Crítica de Arte da Funarte, Rio de Janeiro, 2008. Exposição “A Arte de Almandrade”, Caixa Cultural Salvador, 2009.



A Arte de Almadrade

Coordenação

Expoart.com.br

(71) 3351.6109 / 9972.7474

Curadoria

Almandrade

Produção Executiva

Leonardo Bokor

Produção Local

ARTEAÇÃO
ARTEAÇÃO

Revisão

Erika Maciel

Fotografia

Usival Rodrigues

Uran Rodrigues

www.expoart.com.br/almandrade



Sem Título, 1998 | 47 x 47 x 18 cm - Ferro Policromado

Distribuição gratuita. Comercialização proibida.

CAIXA Cultural São Paulo
Praça da Sé, 111 - São Paulo - SP - CEP 01001-001
Terça-feira a Domingo, das 9 às 21 horas
Tel.(11) 3321-4400
www.caixa.gov.br/caixacultural



Produção



Patrocínio

CAIXA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA